

Imortalidade e género no antigo Egipto: o que nos diz a iconografia dos sarcófagos egípcios da XXI dinastia

Rogério Sousa

No antigo Egipto o espaço do túmulo era cuidadosamente codificado em função das representações míticas relacionadas com a morte e das exigências rituais que mantinham os laços familiares e sociais do defunto com o mundo dos vivos. O túmulo afirmava-se, portanto, como um território de fronteira e de socialização claramente estruturado em torno de uma representação nuclear da família onde o homem figurava claramente como o alvo de todas as práticas funerárias. Aí se preparava a introdução do defunto no mundo dos mortos e se buscava a sua integração no seio de uma família divina, a qual, no entanto, só era efectiva graças ao envolvimento activo da família terrena do defunto na manutenção do culto funerário, da inteira responsabilidade do primogénito. Uma das fontes mais importantes para compreender o papel do túmulo como espaço de socialização simultaneamente ritual e mítica é a elaborada iconografia dos sarcófagos egípcios da XXI dinastia. Confeccionados num tempo de grande instabilidade política e social, estes sarcófagos procuravam garantir, através da magia contida nas imagens e nos textos, o que o ritual já não conseguia assegurar: a integração do defunto nas constelações divinas do Além. Concomitantemente, à medida que as condições sociais que suportavam o ritual funerário se desagregavam, uma nova visão da família, de natureza corporativa, se impunha, e onde a mulher ganhava uma participação inusitada. Recorrendo à iconografia patente nestes objectos, propomo-nos contrastar as representações sociais e míticas do culto funerário convencional com as que se detectam na XXI dinastia e onde transparece uma maior equidade entre o homem e a mulher no que toca à imortalidade.

Palavras-chave: Imortalidade; Género; Sarcófagos; Egipto.